

SENTIMENTOS VIVENCIADOS PELO PAI DIANTE DO NASCIMENTO DO FILHO

FEELINGS UNDERGONE BY THE FATHER AT THE BIRTH OF HIS CHILD

SENTIMIENTOS VIVIDOS POR EL PADRE AL PRESENCIAR EL NACIMIENTO DEL HIJO

JOVANKA BITTENCOURT LEITE DE CARVALHO¹

ROSINEIDE SANTANA DE BRITO²

ANA CRISTINA PINHEIRO FERNANDES ARAÚJO³

NILBA LIMA DE SOUZA⁴

O estudo teve como objetivo analisar os sentimentos vivenciados por pais diante o nascimento do filho. Pesquisa qualitativa, desenvolvida em duas instituições públicas de Natal – RN. Participaram do estudo 10 pais que estiveram presentes durante o nascimento do filho. Os dados foram coletados por meio de entrevista semi-estruturada, em novembro e dezembro de 2004. O conteúdo das falas foi tratado em conformidade com análise de conteúdo e analisado em uma abordagem do interacionismo simbólico. Os depoimentos revelam que os pais ao assistirem o nascimento do filho experienciam emoções de felicidade, inquietação, medo, nervosismo e preocupação. Sob a ótica do interacionismo simbólico os entrevistados no contexto parturitivo interagiram mediante a interpretação que define o parto como fator de felicidade e mudanças. Portanto, a chegada de uma criança no meio familiar é uma etapa de transformação na vida do casal entremeadas por sentimentos voltados para a mãe e filho.

DESCRITORES: Paternidade; Parto humanizado; Enfermagem obstétrica.

The aim of this study was to analyze fathers feelings at the birth of their children. It is a qualitative study conducted at two public institutions in Natal, RN. Ten fathers who were present during the birth of their children took part in the study. The data were collected in November and December 2004 using a semi-structured interview. The discourses were treated by content analysis using symbolic interactionism approach. The discourses revealed that the fathers who are present at their children's birth, experience emotions of happiness and anxiety, along with fear, nervousness and concern. From the perspective of symbolic interactionism, the subjects interacted in the context of parturition according to their interpretation of the delivery as a happy and changing factor. Therefore, for the couple, the arrival of a child amidst the family, represents a life transforming stage intermingled with feelings directed towards the mother and child.

DESCRIPTORS: Paternity; Humanizing delivery; Obstetrical nursing.

El estudio tuvo como objetivo analizar los sentimientos vividos por los padres frente al nacimiento del hijo. Investigación cualitativa, desarrollada en dos instituciones públicas de Natal RN. Participaron del estudio 10 padres que estuvieron presentes durante el nacimiento de su hijo. Los datos se recogieron mediante entrevista estructurada en parte, durante los meses de noviembre y diciembre del 2004. El contenido de las declaraciones fue tratado conforme el análisis de contenido y analizado planteando la interacción simbólica. Las declaraciones revelan que los padres al presenciar el nacimiento del hijo sienten emociones de felicidad, inquietud, miedo, nervosismo y preocupación. Bajo el punto de vista de la interacción simbólica los entrevistados enfrentados al parto interactuaron mediante la interpretación que define el parto como factor de felicidad y cambios. Por lo tanto, la llegada de un niño al medio familiar es una etapa de transformación en la vida de la pareja permeada por sentimientos encauzados hacia madre e hijo.

DESCRIPTORES: Paternidad; Parto humanizado; Enfermería obstétrica.

¹ Doutoranda em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professora da EEN/UFRN. Campus Universitário. Rua Das Margaridas, 1286. Tirol. Natal-RN. CEP: 59020-580. Brasil. E-mail: jovanka@ufrnet.br

² Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Campus Universitário. Brasil. E-mail: pgenf@pgenf.ufrn.br

³ Doutora do PPGCSA-UFRN. Professora. Departamento Toco-ginecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. MEJC-UFRN. Brasil. E-mail: een@enfermagem.ufrn.br

⁴ Doutoranda em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professora da UFRN. Campus Universitário. Brasil. E-mail: secdenf@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No cenário mundial os cuidados prestados à mulher, recém-nascido e família durante o processo da parturição sofreram mudanças através do tempo. No passado, o controle do trabalho de parto, parto e pós-parto era realizado em ambiente familiar com a ajuda de outras mulheres – parteiras ou comadres – que detinham conhecimentos empíricos sobre o nascimento.

A atuação dessas mulheres repercutia nos índices de mortalidade materna e perinatal, suscitando discussão na esfera pública ancorada por necessidades políticas e econômicas de cada época. O parto, conseqüentemente, deixava de ser privado, íntimo e feminino e novos paradigmas surgiram voltados para o saber médico, transformando-o de um evento natural e fisiológico para um processo patológico e medicalizado⁽¹⁾.

Essa concepção toma vulto, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial quando o parto passa a ser predominantemente hospitalar. No Brasil, até os anos de 1950, os partos eram domiciliares; embora os homens não os assistissem estavam próximos podendo ter contato com a sua esposa e o bebê logo após o nascimento. Dessa data em diante, o mesmo foi institucionalizado com vistas a reduzir a mortalidade materna e perinatal, o que contribuiu para o afastamento da família no momento da parturição⁽²⁾.

Na perspectiva de reverter essa situação, o Ministério da Saúde vem buscando a humanização da assistência através da implementação de estratégias que envolvem um conjunto de conhecimentos, práticas e atitudes que visam promover o parto e nascimento saudáveis. Nesse sentido foram estabelecidas portarias ministeriais voltadas para a melhoria da assistência obstétrica. Dentre essas destaca-se o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (SISPRENATAL), cujo propósito é garantir e ampliar o acesso de gestantes aos cuidados durante o ciclo gravídico e puerperal.

Embora o programa tenha encontrado algumas dificuldades na sua efetivação, representa um avanço nos cuidados de saúde das mães como também dos recém-nascidos. Entretanto, para que a melhoria dessa assistência se torne realidade é necessário estabelecer ações que favoreçam uma participação efetiva dos envolvidos no pro-

cesso de cuidar, desde a atenção básica até o atendimento hospitalar para o alto risco^(1,3).

Tratando-se da atenção básica, os cuidados pré-natais merecem destaque por envolver uma série de procedimentos e atitudes que constituem o alicerce do parto e nascimento humanizados. A humanização do atendimento pré-natal requer não só o saber técnico-científico do profissional, mas também mudança de postura e afastamento de mitos que permeiam a gestação. Nesse período a mulher necessita de orientações inerentes ao estado gestacional como também sobre a anatomia e fisiologia maternas, os tipos de parto e as condutas que facilitam a participação ativa no nascimento. Vale ressaltar que essas devem ser extensiva ao companheiro, desde o início da gravidez, considerando que o mesmo vivencia junto à mulher as etapas reprodutivas^(1,3).

A presença do parceiro às consultas de pré-natal se reveste de importância no processo de humanização da assistência obstétrica. Seu distanciamento, tanto da gestação como do parto, tende a causar sentimento de solidão e vazio na mulher. Por outro lado, a notícia da gravidez quando compartilhada origina no homem sentimento de satisfação e bem estar^(1,4).

Concernente ao parto humanizado existe reconhecimento da necessidade de uma relação de respeito do profissional que atende a mulher no processo da parturição, dada a singularidade desse momento para o casal. Nesse cenário, a presença marcante do cônjuge na cena do parto representa a oportunidade de acompanhar mais de perto e de forma ativa o nascimento de seu filho. Durante esse período como também no pós-parto, o apoio amoroso do companheiro integra a humanização da assistência preconizada pela OMS baseada nas evidências científicas, de que a presença de um acompanhante propicia segurança emocional à mulher trazendo benefícios tanto para ela como para o bebê^(1,2). Portanto, enquanto enfermeiras obstétricas cabem-nos trabalhar em prol do acolhimento e da participação do cônjuge no pré-natal, parto e puerpério.

Essas questões nos levam a reconhecer a necessidade de investigarmos aspectos inerentes ao companheiro no âmbito da parturição, considerando que ter um filho representa um momento importante na vida do homem e

da mulher, e que, permeado por diferentes acepções tendem a influenciar o nascimento. Além disso, as ações de uma pessoa, diante de um fenômeno guardam relação com o significado que este tem para ela. Dessa forma a parturição no cotidiano masculino se reveste de significação emergente de um processo interativo no transcorrer do parto. Visto isso, as expectativas paternas surgidas devem ser atenuadas na perspectiva de levá-los a ser um integrante ativo durante a parturição, favorecendo como também sendo favorecido, e conseqüentemente, ter suas dúvidas, medos e anseios minimizados.

Diante destas concepções, questionamos: quais os sentimentos vivenciados pelo homem por ocasião do nascimento de um filho? Mediante a essa indagação tivemos como objetivo analisar os sentimentos vivenciados pelo pai diante do nascimento do filho.

Acreditamos que o alcance deste objetivo fornecerá subsídios para profissionais de saúde prestadores de cuidados à mulher e consideram o homem membro ativo do processo da reprodução, em particular a enfermeira obstetra. Assim sendo, poderemos contribuir para a fundamentação teórica do planejamento de ações, voltadas ao homem à saúde e aos direitos reprodutivos.

MÉTODOS

Consoante ao objeto de estudo a pesquisa em questão é exploratória e descritiva com uma abordagem qualitativa, desenvolvida em duas instituições públicas de Natal/RN/Brasil que adotam o princípio da humanização da assistência à parturiente.

A pesquisa contou com a participação de 10 pais que estiveram presentes na sala de parto durante o nascimento de seu filho. Como critério de inclusão estabelecemos que os homens deveriam estar presentes na sala de parto durante o nascimento do filho e as respectivas companheiras no pós-parto imediato. O total de participantes foi considerado satisfatório uma vez que com esse contingente houve saturação dos dados. Para obtenção das informações utilizamos um roteiro de entrevista, constituído de duas partes, uma contendo variáveis demográficas com a finalidade de caracterizar os entrevistados e outra específica ao objeto de estudo, ou seja, uma questão norteadora:

o que o senhor sentiu quando participou do nascimento de seu filho na sala de parto?

Para a obtenção das informações utilizamos a técnica de entrevista semi-estruturada, as quais foram coletadas nos meses de novembro e dezembro de 2004. Essa etapa foi realizada na sala de parto logo após o pai ter vivenciado o nascimento do filho, antecedida pela autorização formal do mesmo, através de um termo de consentimento livre e esclarecido conforme as exigências da Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde no que se refere à pesquisa com seres humanos. Como forma de preservar o anonimato dos participantes atribuímos nomes fictícios aos mesmos. Ressaltamos que o projeto foi submetido ao comitê de ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – CEP – UFRN protocolo nº 108/04. Após parecer favorável do CEP-UFRN e autorização das instituições envolvidas, a coleta de dados foi efetuada.

Para a análise dos dados, utilizamos os procedimentos do método de análise de conteúdo na modalidade da análise temática segundo Bardin, prestando-se a organizar as falas dos entrevistados⁽⁵⁾. Desse modo os depoimentos foram transcritos, os núcleos de sentidos identificados, codificados e categorizados. Em seguida, os resultados foram analisados dentro de uma abordagem do interacionismo simbólico⁽⁶⁾ e discutidos com base nos achados literários sobre o homem no ciclo gravídico-puerperal e humanização da assistência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos dados sócio-demográficos constatamos que a maioria dos participantes se encontrava com menos de 42 anos de idade, com renda familiar variando entre 1 e 8 salários mínimos mensais, em nível de escolaridade fundamental e médio completo, casados e em união consensual.

A seguir apresentamos a temática – Sentimentos do pai quando presente na sala de parto – originada a partir do conteúdo das falas dos entrevistados.

Para o homem, a paternidade resulta essencialmente de uma transformação psíquica que é conseguida mediante sua participação ativa no desenrolar da gravidez de sua companheira. Essa participação assume diversas

formas de expressão, mas as principais linhas são o amor, o companheirismo e o espírito de sacrifício. Dentro dessa abordagem, torna-se necessário e importante que a grávida experimente o amor e o apoio do companheiro, muitas vezes expressos nos pequenos gestos e nas pequenas atenções dispensadas por ele, levando-a a sentir a presença do pai de seu filho e reforçando a união entre eles enquanto casal^(7,8).

São várias as reações apresentadas pelos pais no momento do parto quando vêem o bebê. Muitos se decepcionam por acharem o recém nascido diferente do desejado ou por não ser do sexo desejado, alguns ficam temerosos com a responsabilidade de ter um filho e outros se emocionam profundamente ao ver o filho tão esperado⁽⁹⁾. Junto a isso têm sensação de alívio quando o bebê vem ao mundo e são tomados de alegria. Querem tocar, acariciar e conhecer o filho⁽²⁾.

Os entrevistados, desta investigação, ao experienciarem o nascimento de seus respectivos filhos referiram emoções que foram expressas com o choro. ... *muita emoção. Não vou dizer que não chorei, chorei! Entendeu. Chorei porque homem não é aquele que não chora, é o que chora principalmente nessas horas* (João). *Foi muita emoção, tive vontade de chorar, de gritar de felicidade* (Mateus). *É uma emoção que não tem como explicar. É uma emoção forte que até me fez chorar* (Daniel).

Observamos nessas falas que os depoentes ao enfatizarem as emoções vividas por eles procuraram justificar o fato de não conseguirem reter o choro, como resposta a intensidade de sentimentos velados quando presentes na sala parto. Essa atitude nos leva a considerar que os entrevistados vivenciaram a chegada de seus filhos arraigados a concepções que se voltam para novos paradigmas do homem nas relações de gênero, quando admitem o direito de chorar.

Os pais relataram ainda que após assistirem ao nascimento de seus filhos passaram a sentir-se diferentes: ... *eu estou me sentindo mudado... Algo mexeu muito comigo... já estou começando a fazer planos* (Pedro). ... *É uma experiência de vida nova. Porque sinceramente de ontem para hoje eu me sinto outro* (Daniel). ... *eu estou me sentindo diferente. Mais responsável, Agora tenho duas pessoas que dependem de mim. Eu me sinto mais homem, mais forte* (Davi).

A sensação de mudanças mencionadas por alguns participantes pode estar atrelada ao significado social que o filho representa para eles, por exemplo, comprovação da sua virilidade, reconhecimento de poder e honra dentre outros.

O posicionamento do homem no contexto da reprodução varia em grau, natureza e intensidade. Essa oscilação deve-se ao fato de que a chegada de uma criança determina alterações relevantes, tanto nos membros da família como no grupo social dos genitores, avós e irmãos. Além disso, cria expectativas, planos e projetos junto a novas exigências de tarefas e funções de cada pessoa para o novo ser que irá chegar^(4,9).

A realidade que envolve o pai no contexto familiar e parturitivo apresenta-se como consequência de um método no qual a interação do homem enquanto companheiro e pai começa com a gravidez, transcorre o parto e se prolonga no pós-parto. Esse processo decorre da definição que ele atribui ao nascimento do filho. Os depoimentos, quando analisados sob a ótica do interacionismo simbólico, denotam que os entrevistados ao experienciarem a efetivação da paternidade estabeleceram um processo de interação consigo mesmo, definido por eles, como sentimentos de mudanças internas, porém, verbalizadas sob as concepções que regem as relações de gênero.

Os participantes evidenciaram também a responsabilidade, o papel de provedor familiar e sua masculinidade. Prover materialmente os seus descendentes é a primeira responsabilidade inequívoca do pai, cabendo-lhe propiciar os meios materiais que permitam aos filhos crescerem com saúde, segurança e educação^(9,10). Nesse sentido, podemos considerar que ter responsabilidade é prever os efeitos do próprio comportamento utilizando-se de previsão como expressou um dos entrevistados – ... *já estou fazendo planos para o futuro*. Essa fala nos leva a conceber que tanto a gravidez como o parto, além de representarem uma maior necessidade de recursos financeiros, podem desenvolver no homem, sentimento de ameaça na posição de bom pai e bom companheiro. Isto tende a desencadear a busca por mais trabalho no intuito de suprir as necessidades materiais da família e conservar sua posição de provedor^(11,12).

Nessa vertente de abordagem, outros estudos evidenciaram que a gravidez sucinta no homem sensações de natureza social e psicológica, que percorre todo processo gestatório levando-o a viver mudanças inerentes a sua posição na sociedade^(4,11). Esse fato foi constatado nos depoimentos que revelaram mudanças intrínsecas nos pais, sujeitos do estudo em apreço. Para muitos casais ter um filho pode significar o alcance de uma meta que se concretiza na sala de parto, quando o fenômeno de imaginário passa a ser real.

Na atualidade, a figura masculina vem buscando uma mudança cultural, deixando de ser apenas mantenedor familiar, para estar junto da sua mulher na parturição⁽⁷⁾. Essa nova concepção de paternidade estabelece uma participação ativa e amorosa do companheiro não só na gravidez, mas também no parto, pós-parto e aleitamento materno.

Relativo ao parto, embora de forma ainda inexpressiva os homens estão acompanhando a parturição de suas respectivas companheiras. Sua presença é vista com naturalidade, além de compartilharem a chegada do filho, a grávida sente-se protegida e cuidada⁽¹³⁾. Já é constatado, que a presença de um acompanhante na sala de parto diminui o tempo de trabalho de parto como também o uso de medicação e o número de cesáreas. Além disso, aumenta a frequência do apgar da criança, que em geral, é considerado satisfatório acima de sete, o que contribui para uma amamentação mais duradoura e conseqüentemente diminui a incidência do desmame precoce dentre outros benefícios.

Ao estarem presentes na sala de parto, os pais vivenciaram estado de inquietação como o medo, o nervosismo e preocupação. Dentre estes, o medo foi enfatizado pela maioria dos participantes. *Eu estava preocupado, com muito medo* (João). *Eu tinha medo, me preocupava, mas não deixava transparecer para que ela não ficasse nervosa. Eu estava muito tenso* (Paulo). *Eu tinha medo dentro de mim. Medo que eles morressem* (Marcos).

Consoante a estes depoimentos, os homens como acompanhantes na sala de parto padecem de medo e procuram superá-lo a fim de evitar que a mulher fique nervosa. Esse sentimento, vivenciado por eles, encontra explicação pelo desejo velado de protegerem a mulher nessa fase. Por outro lado, concebemos que tal emoção revela o

nascimento de um filho como uma ameaça para eles enquanto membros de um contexto familiar. A presença de um recém nascido no meio familiar pode desencadear no pai sentimento de rivalidade, já que o carinho e afeto da mãe/companheira passa a ser dividido entre eles⁽¹⁴⁾.

Em geral, o medo pode ser originado por incerteza e alterações orgânicas advindas de doenças ou mesmo da possibilidade do indivíduo ser acometido por elas com seus sinais e sintomas⁽¹⁵⁾. No contexto da parturição isto é admissível, visto que o parto é caracterizado como um fenômeno que passa por transposição de um estado para outro, permeado por mitos e tabus de diferentes culturas. Soma-se a isso, a carência de conhecimentos relativos ao processo reprodutivo desencadeando no pai preocupação quanto ao sucesso do parto. Nesse sentido, uma investigação realizada junto ao homem/pai constatou que o companheiro sente o desejo de conhecer aspectos que dizem respeito ao corpo feminino e enfatiza a necessidade de informações sobre o assunto. Assim, passam agir intuitivamente apesar do medo e da ansiedade que lhes assolam⁽¹⁶⁾.

O fato dos entrevistados sentirem preocupação torna-se relevante quando consideramos o parto como um momento revestido de sentimentos, expectativas, anseios e necessidades de naturezas diversas. Essa realidade faz surgir a incerteza do sucesso desse evento, tanto sob o ponto de vista social como emocional. Dessa forma, cabe aos profissionais envolvidos na atenção a gestante e família atentar para as necessidades do homem inserido no processo do ciclo gravídico puerperal. Dentre esses, destacamos o enfermeiro no sentido de estabelecer comunicação e interação com o pai fornecendo ajuda, apoio em um clima de confiança e compreensão⁽¹⁷⁾.

Há evidências de que, quando os pais participam da gestação de maneira efetiva, o desejo de estar com a mulher na sala de parto, surge no pré-natal, reconhecem o parto como um momento importante e reafirmam que os benefícios são extensivos a todos envolvidos no processo em uma relação igualitária^(2,4). Essas considerações levam-nos ao entendimento de que os homens, nas fases do trabalho de parto, vivenciam um processo de interação com eles mesmos, a companheira e o ambiente que o leva a ter uma atitude diferenciada, em conformidade com

o significado que eles atribuem ao processo de trabalho de parto⁽¹⁸⁾. Assim sendo, carecem de cuidados e atenção. Visto isso, no intuito de aliviar as tensões e opressões advindas do parto, as instituições e os profissionais que atuam junto à mulher no ciclo gravídico-puerperal devem traçar metas e ações voltadas para os companheiros, na perspectiva de reverter o medo em sentimentos que o impulsionem a apoiar e partilhar com a mulher o nascimento do filho.

No início do trabalho de parto, normalmente os homens estão calmos, na fase mais ativa os sentimentos de medo e desmaios costumam aparecer gerando insegurança como também ansiedade, fazendo os mesmos perceberem que o parto é mais difícil do que eles esperavam⁽¹⁵⁾. Na perspectiva de mudar esse quadro, os pais devem ser convidados para conversas e reuniões como também merecem ser tratados com o mesmo carinho que as mulheres.

O parto como um momento de resolutividade da gravidez, imbuído de tabus e significados tende a provocar nos homens inseguranças e incertezas, como podemos observar nas falas dos participantes deste estudo. Tal constatação exprime a necessidade de um novo olhar para o cônjuge durante todo o ciclo gravídico puerperal.

Nessa perspectiva a atenção aos companheiros deve ser o mais precoce possível de modo que, as ações inerentes às parturientes e parceiros sejam incentivadas, a fim de contribuir para minimização da ansiedade do casal durante o nascimento. Essa concepção, se fundamenta no princípio de que no âmbito da interação, o significado pode sofrer influência de pessoas que vêem o momento do parto de maneira diferente. Visto isso, estar atento a gestos e falas dos acompanhantes na sala de parto torna-se imperativo no dia a dia do profissional que atua no centro obstétrico, pois, o envolvimento dos homens no processo da parturição traz uma história de vida onde o parto assume diferentes significados.

Segundo os aportes do interacionismo simbólico, o ser humano tem como base de suas ações os símbolos que por ele são interpretados e definidos. Assim sendo, a interação dos entrevistados no contexto parturitivo ocorreu mediante a interpretação que definiu o parto como fator predisponente a danos irreversíveis como a morte da mulher e do filho.

A morte foi referenciada pelos depoentes como causa de medo. Acreditamos que esse fato seja decorrente do desconhecimento acerca da fisiologia do parto que somado ao estado de ansiedade, normalmente vivenciados por eles, constituem fatores desencadeante de experiências um tanto conflituosas no momento da parturição de suas parceiras.

Nesse processo, a morte simbolicamente representa o final de um percurso e conseqüentemente, desmembramento de uma estrutura familiar.

Vale ressaltar que os homens ao expressarem emoções por ocasião do nascimento de seus filhos, se referiram ao parto como acontecimento bonito: *Eu nunca tinha assistido um parto, foi muito bonito ...* (Mateus). *Tem uma coisa mais linda do mundo do que o nascimento de uma criança. Pense, é lindo, é emocionante ...* (Marcos).

A opinião expressa pelos depoentes sobre o parto como algo bonito e emocionante surge à medida que a parturição de suas respectivas mulheres ocorreu dentro dos princípios da humanização obstétrica e transcorreu de maneira fisiológica. Nesse sentido, entendemos que para valorizar os sentimentos, as emoções vivenciadas por parturientes e seus respectivos parceiros, se faz necessário individualizar e contextualizar a assistência que lhe é prestada desde o pré-natal até o pós-parto.

De modo geral, as falas dos entrevistados mostram que a chegada de uma criança no âmbito familiar é uma etapa de transformações na vida do casal, entremeada de emoções expressas nos depoimentos e exteriorizadas por choro observado durante a entrevista. Evidenciam ainda, que o nascimento de um filho modifica o cotidiano dos pais com sentimento de maior responsabilidade e de novos projetos para o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória adotada para estudarmos os sentimentos vivenciados pelo pai durante o nascimento do filho nos possibilitou revelar questões inerentes ao homem no contexto da parturição. Esse momento ganha diferentes simbolismos, que determinam e interferem nas ações paternas como também influenciam seus sentimentos. Isso nos leva a conceber que eles podem compartilhar efetivamente jun-

to a companheira a alegria, preocupação, medo, nervosismo como foi explicitado em suas falas.

O homem contemporâneo tem procurado conciliar seu trabalho na vida pública e na vida privada, com o intuito de ajudar a companheira apoiando-a emocionalmente durante o período gravídico puerperal como também cuidando do recém nascido. Esse fato nos remete ao entendimento de que o mesmo considera importante o seu papel na divisão de tarefas e na criação dos filhos, sentindo-se feliz em poder experienciar juntamente com a parceira esse momento na vida de ambos. O pai em um contexto interativo no processo de nascimento e integrante como é, carece de cuidados. Entretanto, para que isso se torne realidade é necessária a implantação de estratégias assistenciais com vistas a atendê-lo do pré-natal ao puerpério, e assim, contribuir para minimização da inquietação que envolve o homem no ciclo gravídico puerperal.

Acreditamos que os resultados do estudo venham a contribuir para o preenchimento das lacunas no mundo literário sobre o homem no contexto do nascimento.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Pré-natal e puerpério: atenção qualificada e humanizada. Manual técnico. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
2. Espírito Santo LC, Bonilha ALL. Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o parto e nascimento de seu filho. *Rev Gaúcha Enferm.* 2000 jul; 21(2):87-109.
3. Ministério da Saúde (BR). Programa de humanização no pré-natal e nascimento: normas técnicas. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.
4. Freitas WMF, Coelho EAC, Silva ATMC. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad Saúde Pública.* 2007; 23(1):137-45.
5. Bardin L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70; 2000.
6. Blumer H. *Symbolic Interactionism perspective and method.* California: Prentice-Hall; 1969.
7. Montgomery M. *O novo pai.* 12ª ed. São Paulo: Prestígio; 2005.
8. Carvalho MLM. Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cad Saúde Pública.* 2003; 19(2 Supl):389-98.
9. Maldonado MT, Dickstein J, Nahoum JC. *Nós estamos grávidos.* 11ª ed. São Paulo: Saraiva; 2000.
10. Pesamosca LG, Fonseca AD, Gomes VCO. Percepção de gestantes acerca da importância do envolvimento paterno nas consultas pré-natal: um olhar de gênero. *REME Rev Min Enferm.* 2008; 12(2):182-8.
11. Brito RS. *A experiência do homem no processo da gravidez da mulher/companheira: uma abordagem interacionista [tese].* Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2001.
12. Bornholdt E, Wagner A, Staudt ACP. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Rev Psicol Clin.* 2007; 19(1):75-92.
13. Carvalho ML. O renascimento do parto e do amor. *Rev Estudos Feministas.* 2002; 10(2): 521-3.
14. Brito RS, Fernandes EO. Opinião do pai sobre o aleitamento materno. *Rev Rene.* 2006; 7(1):9-16
15. Lowdermilk DL, Perry SE, Bobak IM. *O cuidado em enfermagem materna.* 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2002.
16. Oliveira EMF. *Vivência do homem no puerpério [dissertação].* Natal (RN): Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2007.
17. Cardoso MVLML, Souto KC, Oliveira MMCO. Compreendendo a experiência de ser pai de recém-nascido prematuro internado na unidade neonatal. *Rev Rene.* 2006; 7(3):49-55.
18. Carvalho JBL, Brito RS. Atitude do pai diante do nascimento. *Rev Rene.* 2008; 9(4):76-84.

RECEBIDO: 01/04/2009

ACEITO: 30/09/2009